

## A LITERATURA ARTIFICIAL

O que separa o ser humano de uma máquina? Ou será que somos todas máquinas programáveis?



NUNO CAMARNEIRO  
Universidade  
de Aveiro  
nfc@ua.pt

A utilização da Inteligência Artificial (IA) para tarefas cada vez mais complexas e intimamente associadas ao que consideramos ser a essência humana, como sejam a produção de arte, a literatura ou o conhecimento, está na ordem do dia e prevê-se que venha a estar cada vez mais. Por um lado, discute-se o limite da tecnologia, até que ponto uma máquina programada e “educada” por humanos poderá, eventualmente, replicá-los ou mesmo ultrapassá-los do ponto de vista cognitivo, criativo e do domínio técnico das áreas em que possa ser aplicada; por outro, existem vastas implicações éticas, sociais, políticas e práticas que abordam a progressiva substituição de trabalhadores humanos por algoritmos capazes de desempenhar as suas funções.

A alavancagem tecnológica é tão antiga como a nossa condição de *Homo sapiens*. Esta passou pela utilização da pedra lascada, pelo domínio do bronze, depois do ferro e de todas as tecnologias que lhes sucederam até chegarmos à actual era digital. Afinal queremos viver cada vez melhor e despende menos esforço para obtermos igual ou maior rendimento, ter bens de consumo e calorías baratas e acessíveis. A novidade introduzida pela IA (e o medo, e o espanto) é a sua capacidade de substituir não apenas o esforço físico ou o desempenho de tarefas simples e repetitivas, como tantas máquinas fazem, mas de replicar o pensamento, a tomada de decisões e, eventualmente, a criatividade que tínhamos como exclusiva da espécie.

As perguntas são muitas e ninguém sabe ainda de onde virão as respostas. A maior questão, e a que mais assusta, é se um dia poderemos tornar-nos escravos das máquinas que desenvolvemos, fruto da chamada “Singu-

laridade Tecnológica”, uma evolução da inteligência não humana tão acentuada que escape ao nosso controlo e ao nosso entendimento. Mas se esse cenário é ainda longínquo, outras questões vão-se já colocando no dia-a-dia: Quem escolhe o que vemos na TV, o que compramos online e os trajectos que fazemos no automóvel? Quem decide se alguém deve ser contratado, despedido ou aumentado? Podem as eleições ser manipuladas através das redes sociais usando algoritmos?

Temos, finalmente, a questão da criação e da criatividade. Pode um algoritmo produzir uma obra literária, artística ou científica de real valor e originalidade? Poderá um novo Proust surgir por entre transístores e linhas de código? Ou um Picasso, ou um Newton? Afinal, também a nossa criatividade e as nossas ideias assentam em matéria, somos corpos com cérebros dentro, foram células, ligações químicas e impulsos eléctricos que criaram a *Nona Sinfonia*, o *Dom Quixote* e a teoria da relatividade. O que nos separa então de forma tão categórica de uma máquina? A “alma”, o “espírito”, a nossa “humanidade”? O que são todas essas coisas, existirão realmente ou são apenas mistificações que nos ajudam a sentir-nos especiais e únicos?

Se nós somos máquinas, também será possível programar um carácter ou uma personalidade? Pode um computador ter desejos, caprichos, obsessões e medos? Poderá amar? Talvez seja essa a questão derradeira, o teste do algodão que permita distinguir uma obra formalmente correcta e tecnicamente perfeita de outra apaixonante, com a qual possamos identificar-nos. Até lá, temos ainda muitos humanos para ler.